

*Maria Eunice Moreira* \*

RESUMO:

Relação entre memória, identidade e poder no romance *Don Frutos* (2010), de Aldyr Garcia Schlee. Nos últimos dias de sua vida, Don Frutos, ou seja, Frutuoso Rivera, ex-presidente do Uruguai, recorda sua vida, através da memória e dos papéis de um velho baú, reconstruindo, a seu gosto, sua trajetória pessoal e política.

Palavras-chave: *Frutuoso Rivera; memória; identidade; poder.*

ABSTRACT:

This article analyses the relationship between memory, identity and power in Aldyr Garcia Schlee's novel, *Don Frutos*. In the last days of his life, Don Frutos, i.e., Frutuoso Rivera, ex-president of Uruguay, remembers his life through his memory and the papers from an old box, rebuilding, to his liking, his personal and political achievements.

Keywords: *Frutuoso Rivera; memory; identity; power.*

MOREIRA, M. E.  
*Don Frutos:*  
*Memória,*  
*Identidade e*  
*Poder*

*Definimo-nos a partir*  
*do que lembramos e esquecemos juntos.*

Aleida Assmann

Não obstante o nexo entre memória e identidade tenha sido objeto de consideração por parte de estudiosos desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, propiciando diferentes concepções e entendimentos sobre essa relação, temas como recordação, história e identidade ganharam relevância mais significativa a partir da década de 1980, motivados por eventos que abalaram posições ideológicas e políticas. Aleida Assmann, em estudo sobre a recordação e a memória cultural, credita tal investimento, pelo menos na Europa, à “dissolução e recuperação de fronteiras políticas e culturais” (ASSMANN, 2011, p. 69), que provocaram a revitalização das identidades étnicas, fazendo aflorar a língua, a cultura e a história de grupos minoritários. Perguntas até então silenciadas sobre as origens e o passado começaram a suscitar questionamentos sobre “quem somos?” e a acionar uma história que, por razões diversas, ainda se encontrava escondida. Esse “passado recordado”, na expressão de Assmann, deu lugar a uma compreensão da história não mais como um estudo sobre o passado, mas uma “consciência coletiva que se manteve viva ou foi revivificada” (ASSMANN, 2011, p. 69).

Em artigo ainda inédito, Marilene Weinhardt chama a atenção para a relação entre história e ficção, afirmando que, em momentos de reordenação política, que alcançam também os espectros social e ético, “a evocação ao passado cumpre várias funções, por vezes antitéticas, por vezes erigindo-o como

modelo, por vezes, exorcizando-o com visas a sepultá-lo” (WEINHARDT, 2016). Com maior ou menor vigor, o passado ressurgue pela via da ficção, caracterizando um movimento que, segundo essa mesma estudiosa, pode ser denominado de “decantação”. Nessa perspectiva, o escritor elege o passado “diante da urgência e do desafio de presentificar este ou aquele recorte do tempo para ressignificar o tempo pretérito ou entender o contemporâneo.” (WEINHARDT, 2016).

Nesse contexto, a história torna-se mais do que uma disciplina, para assumir o papel de um *locus* de reflexão em que entram em jogo as lembranças e os esquecimentos dos indivíduos e das sociedades, impondo a reorganização da identidade, o que equivale a dizer, seguindo o pensamento da pesquisadora alemã, a reorganização da memória, que se manifesta na redenominação de logradouros públicos, na derrubada de monumentos e na reavaliação do discurso histórico. Essa reorganização, que implica a vivência da recordação, encontra campo fértil para o exercício e a reflexão no campo da literatura. Tomando por foco de análise os dramas de Shakespeare, Aleida Assmann observa que a recordação, nesses textos, aparece como modo de encenação, em três níveis, a saber: a) como nexos entre recordação e identidade pessoal, que recai sobre a instabilidade e a plasticidade das recordações; b) como nexos entre recordação e história, revelando o uso político de recordações históricas e o aniquilamento de recordações consideradas perigosas; c) como nexos entre recordação e nação, buscando o significado das obras literárias na constituição da nação e os motivos pelos quais uma nação necessita de história. Resultam dessa análise a transitoriedade das ações terrenas e o desfecho de que tudo será transformado em recordação – e é essa recordação que dá à vida a sua própria justificação.

*Don Frutos*, romance escrito por Aldyr Garcia Schlee, publicado em 2011, proporciona uma reflexão similar, ao trazer à tona a história de Fructuoso Rivera, personagem histórica que participou das lutas de independência no Uruguai, cuja biografia é repleta de feitos guerreiros pessoais. Conhecido pela alcunha de Don Frutos, Rivera desenhou uma trajetória que permanece na história oficial, entre registros positivos e negativos, entre lembranças e esquecimentos, possibilitando a discussão da recordação como fundamento do texto literário.

Antes de passar à análise da obra, recupero, brevemente, algumas informações para situar o autor no sistema literário.

## 1. O autor e sua obra

Desenhista e jornalista premiado nacionalmente, professor universitário nas áreas de ciências humanas e literatura, na Universidade Federal de Pelotas (RS), ensaísta, tradutor e ficcionista, Aldyr Garcia Schlee tem uma vasta obra ficcional, reconhecida nacionalmente pelo conjunto de prêmios recebidos. Seus livros circulam na América Hispânica, com tradução também na Europa e nos

Estados Unidos. Privilegiando o conto sobre os demais gêneros, Aldyr escreveu *Contos de sempre, Linha divisória, Uma terra só, O dia em que o Papa foi a Melo, Contos de futebol, Contos de verdades, Os limites do impossível – contos gardelianos, Contos da vida difícil, Memórias de o que já não será* – foi vencedor duas vezes da Bienal de Literatura Brasileira, promovida pela Nestlé do Brasil (1982 e 1984) e seis vezes do Prêmio Açorianos de Literatura, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (1997, 1998, 2001, 2010, 2011 e 2014), como consta em uma “nota do Editor” inserida na última página de seu último livro *Fitas de cinema*, lançado em outubro de 2015. Além de contos, Aldyr publicou *Camisa brasileira*, com o fotógrafo Gilberto Perin, uma tradução de *Dom Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, e, em 2011, o único romance que até hoje escreveu: *Don Fructos*, ficcionalizando uma histórica personagem – Frutuoso Rivera. Misto de brasileiro e uruguaio, pois que nasceu em Jaguarão, cidade fronteiriça com o Uruguai, Aldyr Schlee escreve em português e é traduzido para o espanhol (ou uruguaio, talvez ele o diga); pensa em espanhol e escreve em português, vive em Pelotas, mas está com a cabeça quase sempre do lado de lá, na Banda Oriental, que povoa sua fantasia desde criança, passada nas margens do rio que separa os dois países.

*Don Frutos* é um alentado romance que privilegia a figura do Brigadeiro General Don Frutuoso Rivera, duas vezes presidente do Uruguai, recuperando a trajetória desse político através de suas façanhas pessoais e profissionais. Escrito por um autor que tem forte relação com a história e a literatura do país vizinho, *Don Frutos* adentra no território da memória, pois que a vida de Rivera é remontada por várias pessoas que conviveram com ele, pelas mulheres com quem viveu e se relacionou, pelos políticos e militares que com ele se debateram, mas especialmente pela prodigiosa memória do general exilado. Muito mais do que revelar a passagem de Rivera por Jaguarão, onde se aquartelou, vindo do Rio de Janeiro, depois de um período de dois anos de exílio na fortaleza de Santa Cruz, *Don Frutos* é a memória de um homem, do que ele privilegia e organiza para recompor a sua história pessoal.

Doente e alquebrado, Rivera permanece na vila de Jaguarão, no extremo sul do estado mais meridional do Brasil, entre o inverno de 1853 a janeiro de 1854, pretendendo recuperar-se para partir em direção a Montevideu com a esperança de retomar sua posição política. É nesse espaço fronteiriço que Rivera vive seus últimos momentos, padecendo de problemas intestinais e necessitado do atendimento constante de empregados e asseclas. O narrador do romance acompanha esse período em detalhes e promove um balanço de sua vida, através de diferentes vozes que traçam o perfil de Rivera. Para isso, o situa em um território “neutro”, entre a capital federal e sua terra de origem, espaço no qual pode refletir sobre a sua trajetória, distante dos acontecimentos que a moldaram, tanto no Brasil como no Uruguai.

É nesse “entrelugar”, assistido em parte por sua esposa, acompanhado por homens de confiança e por uma negra que tem a ocupação de atendê-lo,

entre documentos contidos em um velho baú que carrega na viagem, cheio de notas, jornais, certidões, enfim, uma realia múltipla, que o narrador cria uma realidade ficcional que seguidamente é abalada pela limitação da recordação, pela distância da vivência do fato ou pela morte de um informante que poderia aclarar o episódio ocorrido no passado. Documentos oficiais, cartas, editais, diários, depoimentos pessoais e de terceiros, retirados do velho baú, tudo serve como elemento para a (re)construção das “imagens prodigiosas que constituíram em vida as ilusões, as certezas, os anseios, os sonhos, as visões, os pesadelos, as lembranças, a imaginação e morte”<sup>1</sup> (p. 11) de Don Frutos. Por outro lado, são as recordações, as memórias e os esquecimentos que parecem sobreviver e é justamente o falseamento da história, a composição do discurso histórico através das “ausências” da memória e não de sua “presença”, que movimenta a obra.

Resulta daí não a biografia de Rivera ou a história da vida dessa personagem singular, mas uma narrativa em que Don Frutos mostra-se como um homem múltiplo e facetado, construído pela voz do narrador, mas também pela imaginação dos leitores, que são frequentemente convidados a participar da construção do romance. As escolhas do narrador falsificam, portanto, a biografia, a história e o próprio discurso histórico, subvertendo os gêneros, para, ao final, fazer emergir uma figura histórica revelada pela documentação, mas formada também por omissões, recordações e memória, territórios que, como sabemos, são pouco confiáveis.

O livro inicia com a chegada de Don Frutos a Jaguarão, ou melhor, com os preparativos para o recebimento de Don Frutos e sua comitiva à pacata vila do Rio Grande do Sul. A anunciada vinda do ilustre político é precedida por uma agitação incomum na cidade, pois embora os moradores soubessem quem era o homem que esperavam, desconhecidos eram os motivos de sua viagem e de sua permanência. A agitação chamava a atenção, pois antes da entrada de Rivera, emissários o precederam para alugar a casa onde ele moraria e acertar os detalhes de sua permanência. Entre silêncios e conversas, transitavam homens do Uruguai e autoridades do Brasil, reuniões eram realizadas entre os principais mandantes locais, exigindo a movimentação dos vereadores da Câmara, dos membros da Loja Maçônica, do vigário da Matriz, do comandante do Batalhão da Guarda. A cidade procurava manter sua rotina, mas o marasmo era quebrado a todo o momento. Brasileiros e uruguaios se cruzavam pelas ruas; uma antiga casa da rua do Fogo, esquina com a rua do Triunfo, que ficara fechada durante muito tempo, foi reaberta para abrigar o General e sua comitiva, e uma negra de ganho foi alugada por dez mil réis para cuidar das lides domésticas com a ajuda de três pretos velhos esmoleiros que andavam pela rua perturbando o sossego de mulheres e crianças.

1 Todas as citações do romance serão retiradas da seguinte referência. No texto, menciona-se apenas a página do livro de onde são provenientes as citações utilizadas. SCHLEE, A. G. *Don Frutos*. Porto Alegre: ARdoTEmpo, 2011.

Apesar dessa azáfama e “embora só se falasse na chegada de Rivera, e ela fosse dada como certa, ninguém na vila se animava a perguntar ou responder por quê”. (p. 22). Uma auréola de mistério ou de segredo cercava a presença do caudilho, pois se não eram claros os motivos de sua viagem, ainda havia o medo que rodeava alguns por ter de conviver, de muito perto, com a figura histórica de Rivera. Quando o General chegou à povoação, o dia era cinzento e uma névoa cobria as casas. O velho general vinha “recostado em travesseiros e almofadas, recoberto de pelegos numa enorme cama matrimonial, que não era sua, pequeno e encolhido como outro que não fosse ele” (p. 16). Rivera foi recebido com honras: dobre de sinos, continências, apresentação de armas, escolta militar, cortejo de autoridades e cumprimentos de boas-vindas. Saudado pelo Padre Themudo Cabral Diniz, vigário da Matriz, como “um herói da liberdade” (p. 29), mesmo fraco, teve ainda condições de agradecer a acolhida e reconhecer a distinção: “Ao chegar nesta fronteira, a um passo de meu país, sou recebido exatamente como se jamais houvesse arredado pé de minha Pátria e como se sempre estivera aqui. Estou muito reconhecido por tudo. Isso é o que lhes posso dizer, de todo coração.” (p. 30)

Essa leitura superficial que apenas tem o sentido de localizar e de definir o tema desse grande romance simplifica por demasia a construção narrativa. *Don Frutos* é tudo isso, mas *Don Frutos* pode não ser nada do que eu disse e é na busca da subversão que também conduzo a minha leitura. Um dos aspectos renovadores da obra é a reflexão que provoca sobre o poder da escritura, sobre a memória e sobre o poder. Nesse sentido, o romance parece constituir uma biografia do político uruguaio, mas essa hipótese é rechaçada pelas constantes interferências de personagens de natureza variada (secretários, militares, religiosos, familiares, amantes, empregadas), cujos depoimentos ou opiniões se fazem ouvir no relato. *Don Frutos* também não é um livro de história, pois a narrativa atinge o campo da memória individual e das incertezas pessoais, contrariando as propriedades da construção histórica. *Don Frutos* também não se realiza plenamente como romance, porquanto a invocação de documentos, registros oficiais e testemunhos parecem distorcer o campo da ficção, apresentando a verdade dos fatos e impedindo a plena realização da ficção. Para escrever sobre essa personagem histórica, Schlee produziu uma narrativa de 511 páginas, resultado de uma pesquisa intensa em arquivos no Uruguai (Arquivo General de la Nación e no Museu Histórico Nacional, em Montevidéu) e no Brasil (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Fortaleza de Santa Cruz, na mesma cidade, como do Instituto Histórico e Geográfico, em Jaguarão).

Enfim, *Don Frutos* é um romance histórico? *Don Frutos* é uma biografia? *Don Frutos* é um romance ou um livro de história? Minha hipótese é a seguinte: *Don Frutos* transita pelo campo da história e da biografia, trazendo à luz a figura de um político e militar, Fructuoso Rivera, cuja vida e façanhas, recuperadas pela ficção, apontam para a construção de um sujeito múltiplo e

versátil, incapaz de ser apreendido pelo olhar de um biógrafo ou pelo discurso histórico. Para a construção de *Don Frutos*, o narrador apela a vários recursos estruturais, entremeando formas narrativas provenientes de diferentes textos introduzidos no romance. Embora a palavra seja privilegiada na narrativa para “gravar” a história do general Rivera, haja vista a multiplicidade de formas com que ela aparece no romance, *Don Frutos* acaba por solapar e subverter não só o gênero da biografia, mas também a própria história, ao revelar uma personagem construída mais pela memória, pelos apagamentos e pelo esquecimento do que pela escrita.

Retomo, então, a proposta de Aleida Assmann e busco analisar os três nexos observados pela estudiosa alemã, aplicados à obra do bardo de Stratford-upon-Avon, transportando-os para outro tempo, para outro contexto e para outra figura histórica.

## 2. Recordação e identidade pessoal

As recordações, permeadas pela subjetividade, tornam-se pouco confiáveis na narrativa de uma vida. No momento da recordação, o sujeito que rememora não tem à sua disponibilidade o acervo de episódios que constituíram a sua lembrança, mas um fragmento ou recorte desse conjunto. Fatos e momentos experienciados pelo sujeito passam pelo crivo da seleção, que acaba por decidir o que é acessível ou inacessível. O esquecimento, muitas vezes, é a capacidade que o sujeito desenvolve para se proteger de suas próprias lembranças, especialmente daquelas revestidas de propriedades consideradas negativas.

Em *Don Frutos*, isso ocorre em algumas cenas, particularmente associadas às mulheres. Como registra o narrador, “Frutos era um conquistador contumaz e impenitente: metia o olho em quanta mulher havia; não refugava qualquer que fosse por pelo ou pele; e, se lhe dessem escolha, elegia as maduras, de preferência viúvas ou casadas”. (p. 185). Em sua história, muitos foram os relacionamentos, os encontros e os fortuitos momentos de sedução com diversas mulheres. Por uma só, tinha respeito e admiração – Dona Bernardina, sua esposa legítima –, com quem teve apenas um filho, morto ainda criança. Com as demais, exercia seu poder de posse e mando, usufruindo-as e descartando-as, quer fossem elas do mesmo círculo social a que ele pertencia, filhas de amigos a ele confiadas, damas de conduta discutível ou a negra posta a seu serviço, em Jaguarão. Frutos lembrava de algumas, descartava outras da memória, mas guardava, nas lembranças, duas em especial – Cayetana e Bernardina.

Numa das cenas iniciais do romance, que transcorre nos primeiros dias de sua estada em Jaguarão, Frutos é posto à frente de Maria Antônia, atual mulher do platero Agustín Jove, o melhor gravador do Prata. Ao cumprimentá-lo,

Maria Antônia pergunta a Rivera: – “O senhor não se lembra de mim? Não sabe mais quem sou eu?” (p. 34). O general parece não se recordar daquela mulher que ele vê transformada, envolta em muitos panos, “apertada dentro de um vestido escuro de muito pano, muita dobra e muita roda”. (p. 34). Frutos havia “esquecido dela” (p. 34) e também de que ela ainda viveria na vila. Na sua memória, ele tem o desenho de outra mulher, que conhecera há muito tempo: as largas cadeiras, a alta e grossa cintura, sua voz lhana. Esses atributos, que ele retém na memória, não correspondem ao aspecto físico da mulher que agora ele tem diante dos olhos. Recuperando os atributos femininos, visualizados há muito tempo, Frutos chega ao reconhecimento da antiga amante por um jeito particular que ela mantém ou por uma voz que ele recupera pela memória: “Como não imaginar que só poderia ser ela? Como não saber que era ela, com aquela voz e aquele seu jeito?” (p. 34).

A recordação de Frutos o joga no tempo passado, recuperando detalhes do encontro com Maria Antônia, a então viúva do oriental Reducindo Pereyra. O lugar de encontro é ativado em sua memória: o antigo armazém de frutos nacionais estava praticamente abandonado; nele recendia o cheiro de couro, sebo, crina, lã; predominava a escuridão, quebrada apenas por um lampião; a sensação de desconforto vinha das pernas, onde as pulgas subiam e tomavam um feitio de botas. Frutos recorda, aqui, mais o contexto da situação do que a relação vivida com a mulher. Aliás, Maria Antônia, no passado, apresenta-se ao general como a vítima a ser oferecida para pagar-lhe por préstimos e pela honra que a ela é concedida de servir a tão ilustre patriota. Essa é a visão que ressalta da memória do general e sua atitude, assim avaliada, o exime de qualquer sentimento de culpa ou poder. Frutos é a autoridade a quem cabe o pagamento por serviços já efetuados. No âmbito do recordar e esquecer, como diz Assmann, “cumpre-se uma reorganização radical da identidade” (ASSMANN, 2011, p. 74), e Frutos aparece como um homem cuja ação é legitimada pelo comportamento da mulher, pela honra que a fêmea tem em servir a seu senhor.

Na interminável lista de mulheres do general, há um nome que, segundo o narrador, “provoca mais dúvida e controvérsia do que qualquer outra” (p. 183) e dessa, embora Frutos tenha lhe dedicado muita atenção, a ponto de ser necessária a interferência de Dona Bernardina, “já não se sabe – e se haverá, providencialmente, esquecido” (SCHLEE, 2011, p. 184) seu nome. Contudo, a história entre o general de quarenta anos e a sedutora viúva já sexagenária não foi apagada: “restam ainda breves lembranças e obscuros testemunhos que sobrevivem inapagáveis e imorredouros, amarrando numa sucessão de coincidências e casualidades comprometedoras.” (p. 184). Nesse caso, a diferença de idade entre os dois – 25 anos – seria a causa do impedimento, razão por que nada se afirma, embora se duvide que a tentativa de morte sofrida por Frutos deve-se a essa situação e que também a fuga do general, arrumada por Yuca, seu fiel auxiliar, tinha como causa o encontro furtivo com Cayetana. Muitos anos

depois desses episódios, o que dela se falava revelava que, mesmo mãe e avó, possuía um jeito peculiar e uma fala branda que ainda muito cativava.

Era uma época em que Frutos andava envolvido com muitas mulheres, pernoitando fora, tendo filhos com uma e outra, visitando muito uma casa aqui e outra ali, o que exigiu o questionamento de sua esposa Bernardina sobre esses casos, em carta enviada ao marido. Frutos contestou a esposa, em outra carta, datada de 25 de outubro de 1839, guardada, com zelo, no baú de documentos que o acompanhava. Escrita de próprio punho, ele assim se expressou:

Mi amada Bernardina

Sinto ter que ocupar-me de outra cousa, pero tu assim queres por teus juízos. Fazes uma injustiça a meu carinho e ao que tu vales para meu coração.

.....

É verdade e eu não poderei negá-lo jamais, que tenho relações com certa gente, mas elas não passam nem passarão jamais ao caso que possas haver inferido. Eu sou homem, tenho como outro qualquer minhas afeições e meus defeitos, pero nunca me acusará o observador de minha conduta que tenha deixado de cumprir meus deveres para com a sociedade e especialmente para contigo. (p. 187).

Ao mesmo tempo em que reconhece as críticas de Bernardina às suas atitudes, credita a procura a outras mulheres à sua necessidade de homem. No entanto, o sentimento de culpa ou certo desconforto vivenciado por Frutos pode ser evidenciado ao não preservar a carta de Bernardina, mas apenas a resposta a ela enviada. Certamente, a carta de Bernardina o irritou profundamente pela acusação que ela faz a seu comportamento. Na resposta à esposa, assina F. Rivera, forma simplificada usada quando não estava muito disposto ou quando pretendia revelar contrariedade, diz o narrador em nota apostada ao texto. (p. 188).

Frutos foi se erigindo como homem, respondendo às exigências de seu sexo. Possuir mulheres quando quisesse e as quisesse, entender esses relacionamentos como demonstração de virilidade, mas respeitar sobretudo a esposa e a pátria constituíram seu código moral e sua identidade como homem e como cidadão. Nesse ponto, nada há para se culpar ou se arrepender, pois os valores de fidelidade à pátria, deveres cívicos, falam mais alto que o contexto

pessoal e familiar, o que o exime de responsabilidade e colabora para forjar uma identidade masculina e forte, consoante com seu papel militar e político.

### 3. Recordação e história

É no baú de documentos, cartas, decretos, retratos, recortes de jornal e outros papéis que parte da história de Fructuoso Rivera é rememorada e revelada por Rivera com o auxílio de dois secretários ou homens de confiança: Don Pedro Onetti e Camilo Vega. Onetti é o secretário do general e a ele cabe buscar e ler a papelada, escrever anotações e redigir cartas. Vega é considerado a “sombra de Frutos”, o fiel companheiro que com ele esteve na prisão, a quem compete selecionar os documentos do baú e expurgar o inconveniente. Frutos é um homem iletrado, que “mal sabe escrever ou que não sabe, mesmo, escrever” (p. 296). Apesar disso, ao general está reservada a redação das cartas à esposa e aos familiares, os recados, as comunicações com amigos e as anotações sobre batalhas e memórias. Incapaz, porém, de prodígios com as letras, é tido como um homem perspicaz e inteligente, que “tem muito mais conhecimento e discernimento de todos os outros de seu tempo e de sua época, mesmo os que tenham seguido estudos seja aonde fora” (p. 297).

Frutos privilegia o documento escrito sobre o depoimento oral, razão por que recorrentes vezes solicita a Vega que escreva por ele. No contexto colonialista da América Latina, a opção de Frutos pela forma escrita tem seu sentido. Como assinalou Angel Rama, em *A cidade letrada*, a escritura constitui um signo de dominação e a letra grafada revela a dominação do europeu sobre o nativo, porquanto este desconhecia o código escrito. Frutos, nesse sentido, percebe que somente pela palavra escrita sua memória irá perdurar. A escrita de sua biografia torna-se peça fundamental para a manutenção de sua história e, por isso, é preservada no baú do general. Intitulado *Apontamentos da biografia militar do Brigadeiro General Don Fructuoso Rivera escritos pelo mesmo General*, o texto manuscrito de punho e letra de Rivera, composto por oito folhas, a última das quais, em branco e sem número, integra um códice mantido no baú. Esse documento abrange os anos de 1811, quando Rivera teria participado da rendição de Colla, até 1845, quando liderou a batalha de Índia Muerta. Nesse rol de atividades, constam todos os eventos militares dos quais participou e o sucesso neles obtido. O primeiro relato de 1811 é, contudo, contestado, pois há quem diga que seu batismo de fogo ocorreu em janeiro de 1807, no combate de Cardal, episódio ao qual o general nunca se referia.

Para satisfazer a curiosidade do Dr. Hart, médico de cabeceira de Frutos em Jaguarão, Vega vasculhou o baú à procura de um comprovante que o ajudasse a compreender a vida na América do Sul. Inglês de nascimento, para Hart essa

parte da América poderia ser um paraíso não fossem as constantes brigas de dominação. Vega encontrou, então, um maço de papel, agora com vinte e duas páginas, datado de 1829, com os seguintes títulos:

NOTAS BIOGRÁFICAS DO GEN. RIVERA

Notas biográficas do General Rivera furnished by himself in  
October 1829

Notas biográficas do General Fructuoso Rivera 1826 (p. 230)

O alfarrábio parece ter passado pela revisão de Don Lucas José Obes – “coisa que Frutos prefere não recordar – até merecer uma redação final do grande amigo e correspondente de Rivera, Julián Espinosa”. (p. 230). O calhamaço foi examinado por Hart, que atestou estar o general envolvido “nas empresas, fadigas e riscos que mudaram por fim a deplorável sorte do território e do povo oriental”. (p. 233).

Entre um documento e outro é possível observar que Rivera preferiu a biografia aos apontamentos militares que norteavam o primeiro texto biográfico. Anos mais tarde, assumiu a proposta biográfica, remontando a vida e destacando o valor dessa vida como patrimônio nacional. Na *Introdução* que escreve à biografia, Rivera expõe que a nação precisa de heróis e assim que ele se apresenta. Consciente desse papel, anotou: “Os grandes acontecimentos são geralmente a soma dos grandes homens. Uns e outros passam à posteridade: os primeiros servem de lição aos mortais, os segundos devem servir-lhe de modelo”. (p. 231).

Se a mudança de foco é visível entre os dois textos biográficos, há outro ponto a considerar: a biografia de Rivera não se reporta ao seu nascimento ou a seus primeiros anos, mas recai sobre suas façanhas e a importância de sua atuação, o que subverte o gênero biográfico. Fructuoso Rivera era filho de Pablo Perafán de Rivera, dono de terras e gado na Argentina, casado com Andrea Toscano, com quem teve sete filhos, dos quais Fructuoso era o sexto. O futuro Don Frutos nasceu, portanto, como filho legítimo e de um abastado estancieiro, conforme consta no testamento de seu pai, guardado no baú de documentos. Frutos conhecia a sua origem, sua paternidade e sua herança, mas teria feito tantos comentários sobre os bens havidos e deixados por seu pai, que seria impossível reproduzi-los<sup>2</sup>, conforme consta em nota aposta ao capítulo XIV do romance. Desconhecidos esses comentários, resta especular os motivos pelos quais não mencionou sua filiação, data e lugar, mesmo quando pretendeu escrever

2 Ver nota de rodapé constante no capítulo XIV do romance. SCHLEE, A. *Don Frutos*. Porto Alegre: ARdoTEmpo, 2011. p. 134.

sua biografia completa. Passados muitos anos, “ninguém se lembra, ao certo, quando Rivera nasceu. Já não se sabe, também onde e como ele nasceu (nunca se soube nada)” (p. 139).

Segundo Anna Caballé, especialista nessa área de estudos e ela própria autora de biografias de personagens da história espanhola, uma biografia enfoca “un relato sobre una vida real” e o biógrafo deve “armar una historia que aspire a la verdad humana”. (CABALLÉ, 2014, p. 8). Ao excluir de sua trajetória pessoal os dados de sua origem, paternidade e formação, Rivera afasta-se de sua vida real para construir uma “persona”, outra, diferente de si, ficcionalizando sobre sua própria vida. Nesse caso, a identidade que constrói é ilusória e falsa, embora preencha as finalidades a que aspira: permanecer na mente e na memória de seus sucessores como um soldado ousado e cumpridor de seus deveres.

Como também ressalta Aleida Assmann, é nesse ponto – o das relações entre recordação e história – que o apelo às recordações pode ter um uso político, sendo necessário apagar aquelas avaliadas como perigosas ou deformadoras da intenção do sujeito. Essa observação aplica-se especialmente a um acontecimento ocorrido entre Frutos e um velho índio, nos tempos da guerra guaraníca. A lembrança do fato foi provocada por uma carta, transcrita do guarani, encontrada no baú, e dirigida a um certo “`Fruto Rivero – alborotador de gentes e mensageiro de Malos e Buenos Entes`” (p. 290). Instado a lembrar o episódio, Frutos “diz que não tem muita lembrança desse índio” (p. 290) e “se mal não recordo” (p. 290), “esse não era hombre de cagar em campo aberto: tinha mais voltas que uma orelha; e se empacava, não recuava nem ia frente” (p. 290). Pelo contexto, fica evidente que Frutos se bateu com um homem forte, de valores, e na carta enviada ao político critica a tomada de suas terras pelos portugueses e a violação praticada também por Frutos sobre os territórios indígenas. Numa das passagens do texto, fica clara a questão em litígio e o motivo da rixa entre os dois homens. Registra a carta:

Mira Senhor, para que quando tu te morras e não te percas no Inferno como a ele se destinam os portugueses que de nós outros se ocupam e para que te livres dele com Deus e todos os anjos do Céu, te digo e previno: faz com que estes povos todos que vivem sem pecado com a Graça de Nosso Senhor Jesucristo e da Virgem Mãe se livrem dos que os oprimem e possam viver por si mesmos como se les determinou a Vontade Divina. (p. 291).

É justificado o motivo pelo qual Frutos mandou queimar a carta do velho cacique, pois ela desabona seu comportamento e sobretudo expunha sua culpa

na dizimação desses povos. Poucos dias após o recebimento da carta, Frutos invadiu e conquistou as terras dos índios, instaurando uma nova ordem nas antigas possessões, segundo a qual tudo estava bem, com fartura de gado, ervas plantas, um lugar onde “já não se respira senão liberdade” (p. 292). Em carta a seu amigo Lavallega, afirma sua disposição em trabalhar para favorecer a nova ordem: “Estou pronto para que tudo convenha ao bem geral da nação; mas que se faça ver ao mundo inteiro que estão enganados e que confessem que não são injustos comigo”. (p. 292).

A atitude de Frutos é típica de uma ação considerada por Assmann como envenenada, isto é, relações das quais decorrem culpas e vingança. Diz a estudiosa que “as relações envenenadas pela culpa e pela vingança são lavadas pelo esquecimento real, e nesse contexto é feita a oferta de um novo recomeço” (ASSMANN, 2011, p. 79). Frutos não só deseja queimar a carta do cacique, como promete um novo recomeço, desde que dele resulte a sua anistia. A anistia, porém, fica na dependência dos inimigos, pois caso não seja reconhecida a injustiça contra ele cometida, Frutos agirá novamente: “terei que fazer-me independente com minha Província; nela tenho quanto queira e possa precisar, e farei com seus recursos o que nenhuma outra pode fazer”. (p. 292). Assim agindo, retira de si a culpa individual e propugna por um bem maior e coletivo, que diz respeito à sua pátria e ao seu povo. A necessidade de apaziguar o conflito e promover a paz – pelo menos a individual – exige a transformação das recordações negativas, pois, como diz Assmann, “onde a história se perpetua como vínculo violento entre culpa e vingança, tudo depende de encontrar uma saída pela qual se possa deixar a história” (ASSMANN, 2011, p. 78) e, nesse caso, a eliminação da carta corresponde à eliminação final da culpa e sua presença na história.

#### 4. Recordação e nação

Tradicionalmente, a escrita da história visava à preservação da memória. Escrever a história significava que os fatos e os homens que participaram de eventos significativos para uma nação ou comunidade seriam lembrados e perpetuados como modelares e teriam a função de aglutinar os grupos, garantindo a identidade comum. As imagens do passado servem para dar a força necessária ao presente, mas são as imagens do presente em que vivemos que serão inscritas para a posteridade. Assim, a reflexão sobre o que é registrado pelos historiadores (ou pelos narradores de ficção), sobre aquilo que é recordado e preservado pela palavra, atinge o cerne da discussão sobre a identidade.

A chave de leitura de *Don Frutos* encontra-se na seção denominada “Proposição”, que antecede o texto romanesco. Assinada por Aldyr Garcia Schlee e datada “como cento e cinquenta anos depois”, essa proposição constitui umas das hábeis estratégias do narrador, que estabelece com o leitor um pacto

de leitura e escrita pelo qual ambos são responsáveis por recompor “as imagens prodigiosas que constituíram em vida as ilusões, as lembranças, a imaginação e a morte do Brigadeiro General Don Fructuoso Rivera” (p. 11). Essa tarefa será empreendida pelo autor e leitor que, juntos, terão de recuperar aquilo que foi “olvidado dos tempos e da deslembração das gentes” (p. 11), numa luta contra o esquecimento, contra “as palavras e os sucedidos que por aí se extraviaram” (p. 11). Não se trata de propor que ambas as instâncias – autor e leitor – assumam um compromisso com a pesquisa para buscar as fontes históricas, os registros e as anotações existentes sobre Rivera, mas partilhar uma aventura mais complexa de descobrir uma pessoa real “agonista por formação, antagonista por obrigação e protagonista por vocação” (p. 11).

Quando assim escreve, o narrador torna o leitor partícipe do processo de escrita, mas, ao mesmo tempo, concede à ficção o domínio da narrativa. Reinventar dias e lugares, homens e mulheres, fatos e sentimentos da interminável viagem de volta de Don Frutos é o móvel da aventura. Dessa caminhada resultará, por certo, não apenas o político e militar que deixou seu nome na história, mas uma multiplicidade de sujeitos que a história perpetuou. Fructuoso Rivera não sairá das páginas do romance de Schlee no singular, mas no plural e, nesse caso, a alcunha com que ficou conhecido – Don Frutos – toma outra conotação ao ser invocada no título do romance.

Ao optar pela reconstituição através da memória, da recordação ou das deslembrações, como diz o narrador, penetra-se no campo da ficção e é sob esse império que a obra se realiza. Menos do que discutir o papel de Frutos para a construção da nação, alardear seus feitos em prol da unificação de seu país ou enfocar seu papel na história oficial brasileira e uruguaia, a questão que se coloca em jogo no romance *Don Frutos* é a da construção da memória histórica, da memória individual e da memória coletiva. Que restos do passado foram trazidos até o presente? Que rastros do presente serão levados ao futuro? O que pode ser preservado e recomposto pela memória?

Frutos tem consciência de que, para a história, só o que está escrito terá valor permanente. No entanto, sabe que há coisas não registradas no papel, mas apenas na memória. Sabe também que, ao final da vida, é quase inútil guardá-las, pois não há mais para quem contar e nem quando contar. Talvez por isso o narrador opte pelo caminho da ficção, pois esta e não a história podem inscrever o lembrado e dele fazer sua matéria. Talvez seja também por isso que a ficção domine sobre o histórico e que o romance encaminhe-se para o final envolvendo a morte de Frutos em uma aura de mistério, que só a imaginação pode preencher.

Quase ao final de sua vida, já às vésperas da morte, Frutos ordena que o baú seja entregue ao Governo. “Nele se encerram todos os anos de mi vida pública, e nele encontrarão mis inimigos documentos que provam que jamais hei deixado de servir a mi pátria”. (p. 508). No baú estava tudo – “o que se

passara e o que se imaginara, o que se passasse e o que se imaginasse, tudo, quase tudo estava ou ficava por escrito” (p.65). Arquivo dos fatos e dos feitos, o baú precisa ser preservado pela história, porque dele serão retiradas as fontes que escreverão a história. Contudo, o General sabe que mais do que as fontes; falará a memória e suas palavras finais sinalizam para isso “– Sabes, Pedro, que acabada na morte a vida, só o que fica é a memória?” (p. 509). Reúne-se, portanto, na obra de Schlee, um vasto conteúdo histórico que, submetido à força da ficção, assume uma atitude reflexiva e crítica que, acionada pela memória, busca compreender os mecanismos identitários de nossa formação cultural.

## 5. Ao final

A leitura de um romance como *Don Frutos* não se esgota nessa análise, certamente, mas ela permite algumas considerações, como fechamento desta proposta. Trata-se de um romance de grande elaboração técnica, de profundo domínio dos recursos narrativos e de complexa organização da trama. *Don Frutos* investe na história, assemelha-se a uma biografia, cria uma linguagem própria que, não sendo nem o português e nem o espanhol, estabelece uma identidade linguística própria a essa narrativa. *Don Frutos* pode ser lido como uma biografia de Fructuoso Rivera, personagem preservada pela história e pela memória; *Don Frutos* pode ser lido como um livro de história, pela revelação de fatos e episódios que sustentam o discurso histórico; mas *Don Frutos* precisa ser lido como uma obra de ficção, em que todos os elementos, ali elaborados por um exímio narrador, jogam o leitor no plano da invenção, burlando a história e falseando a biografia.

Volto à minha hipótese: *Don Frutos* é um romance que, se quer parecer verdade com a história, quer parecer biografia com a história da vida. Porém, a leitura que faço remete à discussão das relações entre memória, identidade e poder. *Don Frutos*, a personagem que conhecemos, é um hábil memorialista. Lembra, em detalhes, a sua vida com mulheres, com rivais, com subordinados, com chefias. Essa memória, porém, é a individual, a subjetiva, a que ele guarda para lembrar. A outra memória, a oficial, a escrita e produzida segundo os interesses da história, essa é a imagem que *Don Frutos* deseja preservar. A história guardará essa memória; os homens preservarão a outra, a que se faz pelo dito e pelo não dito, pela luz e pela sombra, pelos ramais do tempo e nas conversas de geração a geração.

Fructuoso Rivera ou *Don Frutos* que resulta dessa longa narrativa não é um, mas são vários, pois o narrador sabe que cada um, a seu modo, edifica o romance com os recursos de que dispõe. Não há uma história, mas histórias, no plural, como *Don Frutos* o foi. Essa personagem – histórica e ficcional – permanecerá através do tempo e do espaço, num constante desafio ao esquecimento, numa

MOREIRA, M. E.  
*Don Frutos:*  
*Memória,*  
*Identidade e*  
*Poder*

permanente batalha sobre o olvido, sem que dele se revele a verdadeira face, mas todas aquelas que somente a ficção é capaz de criar.

ASSMANN, A. *Espaços da recordação*. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CABALLÉ, A. El impulso biográfico. *Mercurio*, Sevilla, n. 166, dic. 2014. p. 6-8.

SCHLEE, A. G. *Don Frutos*. Porto Alegre: ARdoTEmpo, 2011.

Submetido em 16/9/2016

Aceito em 24/9/2016